

Entrevista

ESTUDOS CULTURAIS: DE ANÁLISES SUBALTERNAS A ALTERNATIVAS TEÓRICAS PRODUTIVAS PARA A EXPLICAÇÃO DE FENÔMENOS SOCIAIS BRASILEIROS

Prof. Emerson Urizzi Cervi¹

Biografia

Richard Miskolci

Professor do departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR) desde 2004, Richard Miskolci destaca-se por pesquisas acadêmicas na área de sexualidade e cultura. Concluiu o doutorado em 2001 pela Universidade de São Paulo (USP) e publicou sua tese como Thomas Mann, o Artista Mestiço (2003). Tem dedicado cada vez mais atenção a pesquisas na área dos estudos culturais, principalmente em temáticas que envolvem literatura e mídia.

Para manter a tradição da escola de Birmingham, os Estudos Culturais Brasileiros, se é que podemos dizer que existe uma vertente própria deles no país, também se mostram multifacetados, assim como os seminais trabalhos britânicos dos anos 50. Com entradas em pesquisas de recepção na área de comunicação, produção em literatura e relações sociais, os Estudos Culturais renovaram a matriz marxista de análises sociológicas. Não apenas isso, eles permitiram a substituição do modelo determinista da economia sobre a sociedade por um modelo mais complexo de explicação a partir das identidades sociais e relações culturais entre grupos minoritários na sociedade.

Com isso, a substituição de explicações rasteiras sobre a homogeneização da sociedade de massas cede espaço para considerações a respeito de padrões estéticos relacionados ao espaço social ocupado pelos indivíduos e grupos primários. Foram os Estudos Culturais os primeiros a indicarem que comportamentos sociais são moldados por variáveis como gênero, classe social ou raça. Desde então, pesquisas nas áreas da sociologia, teoria literária, teoria cultural e de comunicação enriqueceram-se e ganharam capacidade explicativa aproximando a prescrição de trabalhos descritivos. Trata-se de uma análise social que não prioriza as instituições, mas sim os comportamentos subjetivos propriamente ditos e um de seus subprodutos sociais: a cultura.

Na América Latina o impacto teórico dos Estudos Culturais podem ser percebidos pelo menos desde a década de 70. Autores como Nestor García Canclini e Jesus Martim-Barbero, entre outros, ajudam a conceituar

¹ Agradeço a contribuição pertinente com sugestões da professora Miriam Adelman.

a cultura latino-americana como integrante de um processo de permanente transformação. São os primeiros a defenderem, no âmbito da América Latina, o conceito de relativismo cultural afirmando que todas as culturas são dotadas de organização própria e características próprias e, portanto, devem ser respeitadas.

É daí que se abrem as portas para os estudos brasileiros sobre diversidade cultural, sexualidade, identidades sociais e estéticas da existência. Um dos pesquisadores da nova geração nessa área é o professor de Sociologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), Richard Miskolci. Com pesquisas sobre literatura, corpo e formas de subjetivação, ele estuda os marcadores sociais das diferenças de classe, gênero, raça e sexualidade por meio de obras culturais. Produziu uma tese sobre a obra de Thomas Mann, organizou um dossiê sobre sexualidades para a revista *Cadernos pagu* e já produziu alguns artigos e resenhas sobre a cultura brasileira e suas manifestações contemporâneas.

Em entrevista que concedeu ao *Caderno da Escola de Comunicação*, Richard Miskolci defende a existência de um pioneirismo cosmopolita dos Estudos Culturais nas ciências humanas brasileiras, que em alguns aspectos vai além do que se obteve na Inglaterra e, até mesmo, nos Estados Unidos. Essa riqueza permitiu uma expansão e subdivisão das linhas de pesquisa, inclusive permitindo o surgimento da Teoria Queer, para tratar de questões sobre sexualidade e cultura, da qual Miskolci se diz muito próximo.

Cadernos da Escola de Comunicação - Sua área de atuação como pesquisador é principalmente em estudos Culturais. Qual o panorama desse tipo de abordagem teórica nos trabalhos de pesquisa brasileiros atualmente? É possível traçar uma seqüência evolutiva, como aconteceu com os estudos culturais ingleses, por exemplo, dos anos 60 para a década de 90?

Richard Miskolci - No Brasil, a história dos estudos culturais é distinta e só é possível comprehendê-la se empreendermos, previamente, uma reflexão sobre a origem dos Estudos Culturais ingleses sob nossa perspectiva. Olhando daqui, é possível discernir melhor o que se passou na Inglaterra e como os Estudos Culturais emergiram a partir de dois fatos. Em primeiro lugar, eles surgem em desacordo com a corrente marxista hegemônica marcada por explicações economicistas. Assim, originaram-se em um grupo de dissidentes marxistas que viam na cultura um meio rico - e até então pouco explorado – para a compreensão das relações sociais e das desigualdades. Somava-se a esta origem dissidente dentro da esquerda, o fato de que não havia espaço para uma análise cultural crítica no sistema universitário de elite. Duplamente *outsiders*, os fundadores dos Estudos Culturais britânicos tiveram

que criá-lo na “periferia” acadêmica, ou seja, em Birmingham. No Brasil, uma ex-colônia européia, a questão da identidade nacional marca a criação de nosso campo intelectual e até mesmo sua institucionalização, de forma que estudar a cultura brasileira jamais foi visto como algo menor ou que exigisse justificativa. Desde ao menos Araripe Júnior e Silvio Romero, passando por nomes como Euclides da Cunha, Monteiro Lobato, Paulo Prado, Sérgio Buarque de Hollanda e Gilberto Freyre, desenvolvemos uma tradição intelectual rica e única que atentou para a cultura como meio de compreensão da sociedade. Além disso, no Brasil, a escola marxista foi acolhida dentro da ordem institucional e desde meados do século XX faz parte da formação de cientistas sociais. Em outras palavras, ao contrário do caso britânico, aqui a cultura sempre foi questão respeitável e o marxismo acolhido dentro das universidades e das disciplinas tradicionais.

Cadernos da Escola de Comunicação - Então, seria difícil traçar um paralelo dos Estudos Culturais brasileiros?

Richard Miskolci - Tenho dúvida se podemos falar de Estudos Culturais brasileiros sem correr o risco de que isto soe anacrônico e deslocado. Nossa história intelectual prova que fomos “pioneiros” e nossa história institucional acadêmica sublinha nosso maior cosmopolitismo dentro das disciplinas das ciências humanas se tivermos como

padrão comparativo o cenário britânico (e até mesmo norte-americano). O que nos enriqueceu e tornou mais cosmopolitas em certo momento também nos lega, no presente, certos paradoxos. Durante as últimas três décadas, os Estudos Culturais se expandiram e se subdividiram, especialmente nos Estados Unidos, em Estudos Pós-Coloniais e Teoria Queer. Os primeiros enfatizando questões étnico-raciais e os segundos lidando com questões de sexualidade. Este desdobramento é de uma riqueza tal que, em comparação, a maior parte do que se criou nas disciplinas canônicas (sociologia, antropologia, ciência política) parece incapaz de dar respostas às demandas do presente. No exterior, constroem-se pontes entre os “saberes subalternos” e a sociologia, por exemplo, porque sociólogos se deram conta de que havia um gap em suas fontes teórico-metodológicas e o diálogo era necessário para o futuro de suas pesquisas e análises. No Brasil, as disciplinas canônicas têm – em maior ou menor grau – ignorado estes saberes voltando-se para a tradição disciplinar francesa, por exemplo, ou tentado incorporar seletivamente suas descobertas. O resultado é incerto e seria prematuro avaliar o que se passa. Neste momento, nossa recepção dos Estudos Culturais é cheia de paradoxos, incongruências, mas também acertos. Afinal, como não desconfiar de uma corrente teórica que apresenta traços que já faziam parte de nossa tradição? Mas, ao mesmo tempo, como ignorá-la ou deixar de dialogar com ela se nossa

tradição crítica se revela em processo claro de desconstrução? Se incorporamos Marx como um dos fundadores das Ciências Sociais há meio século (os norte-americanos há menos de uma década) também estendemos uma análise social que prioriza estratificação via classes por décadas enquanto os Estudos Culturais exploravam via diferenças outras (nacionalidade, raça, gênero e sexualidade) desde a década de 1970. Não é possível traçar paralelos evolutivos nos Estudos Culturais brasileiros. O que devemos explorar é como aqui se deu o desenvolvimento de uma outra tradição de análise cultural e como recentemente ela passou a dialogar com a anglo-americana. Hoje, no Brasil, me parece que os Estudos Culturais têm uma aceitação maior na área de comunicação e letras ou em áreas de pesquisa específicas nas ciências sociais, como as que lidam com questões étnico-raciais, imigração ou sexualidade.

Cadernos da Escola de Comunicação - Uma das abordagens mais produtivas na aplicação das bases dos estudos culturais em análises empíricas é em análises de recepção. Então, por que essa área das ciências sociais brasileiras é tão pouco explorada? É apenas a barreira dos custos para produção das pesquisas ou há também limitações “culturais” dos pesquisadores?

Richard Miskolci - A análise de recepção é cara, exige uma organização complexa, mas, sobretudo, tem tantas

vantagens quanto é vulnerável a críticas. Creio, mas não posso afirmar cabalmente, que priorizamos a análise da criação porque ela apresenta resultados mais certos enquanto a maior parte dos estudos de recepção terminaram por confirmar as hipóteses feitas sem eles.

Cadernos da Escola de Comunicação - O professor Jesus Martín-Barbero (mais do que Canclini e Orozco) é considerado um dos precursores da análise de recepção na América Latina. O senhor concorda com essa afirmação? Quem mais mereceria destaque dentre os “pioneiros” latino-americanos? E no Brasil? E quanto aos Estudos Culturais propriamente ditos, quem podemos destacar?

Richard Miskolci - No que toca aos estudos de recepção, prefiro me abster de uma posição que seria tão parcial quanto imprecisa, mas no que toca aos Estudos Culturais latino-americanos tenho uma teoria de que eles não existem. Explico melhor, cada país tem sua tradição intelectual e é dentro dela que vão se inserir os Estudos Culturais. América Latina é um termo elusivo, pois pretende abranger uma miríade de casos nacionais particulares e muito ricos sob uma perspectiva construída a partir do antigo centro, ou seja, Estados Unidos e Europa. Trocando em miúdos, prefiro, sempre que possível, analisar caso a caso. Veja o caso anglo-americano, lá um pensamento crítico de esquerda voltado para a análise cultural só pôde se desenvolver nas Humanidades. Nos

Estados Unidos ou Reino Unido há uma clara associação entre os Estudos Culturais e as Humanidades (Filosofia, História e Teoria Literária) em oposição crítica às Ciências Sociais, vistas como canônicas e institucionalizadas (Ciência Política, Sociologia e Antropologia). No Brasil, seguimos a divisão em Ciências Humanas que não opõe Filosofia e História às Ciências Sociais, mas, ao mesmo tempo, faz das Letras e da Comunicação cursos menos aparentados. Isto modifica nossa recepção e também o que aqui, entre nós, significam os Estudos Culturais.

Na minha área de atuação, a Sociologia, vejo Renato Ortiz como um dos expoentes na linha dos Estudos Culturais enquanto predomina uma linha da sociologia da cultura que, a meu ver, se dedica mais a uma sociologia do campo intelectual. Dentre os mais jovens, há um pequeno número de sociólogos, antropólogos e – mais raramente – cientistas políticos, que dialogam com os Estudos Culturais sem necessariamente se definir como parte da corrente teórica já que seus campos profissionais de atuação os acolhem. Uma hipótese a ser explorada é a de que talvez, nas áreas de Artes, Letras e Comunicação brasileiras, os Estudos Culturais emergiram como um marco identificatório comum para aqueles e aquelas que buscam fazer uma ponte entre suas áreas de atuação e a esfera da análise sociológica, antes um monopólio das Ciências Sociais.

Comunicação - A matriz teórica dos Estudos Culturais permite uma diversidade significativa nos objetos de análise dos pesquisadores. Normalmente o foco das discussões se dá nos conteúdos midiáticos, mas há uma grande tradição nos Estudos Culturais de análise de ‘outros textos’, como por exemplo, textos literários, etc... Qual a sua opinião a sobre as possibilidades analíticas a partir dos Estudos Culturais para além dos meios de comunicação de massa?

Richard Miskolci - A análise midiática é promissora tanto na comunicação quanto nas ciências sociais, pois ela aponta para a necessidade de compreensão dos meios de produção, comercialização e recepção da cultura no presente. Ao mesmo tempo, outros discursos merecem atenção e podem igualmente fornecer descobertas para a compreensão de processos sociais amplos responsáveis pelo que somos hoje. A análise de dispositivos históricos como o da sexualidade exige atentar para uma variedade de discursos como a literatura, a ciência, as proposições morais, em suma, é uma aposta promissora para análises sociais e históricas mais completas e aprofundadas. Neste sentido, hoje, quer na análise dos mídia quer nas voltadas para outros discursos, as fontes teóricas dos Estudos Culturais se revelam imprescindíveis, mas podem se somar ou mesclar com aquelas das ciências sociais. O ideal é equilibrar e selecionar o que for melhor apropriado na operacionalização das pesquisas de forma que o resultado

das investigações seja enriquecido. Não é possível apostar no purismo em nenhum dos lados, quer seja na adoção irrestrita das fontes culturais quer nas teorias sociais canônicas. Acho promissora a forma como alguns sociólogos norte-americanos e britânicos buscam criar pontes entre os saberes subalternos e suas disciplinas. Dentre eles, destaco o trabalho com mídia e movimentos sociais empreendido por Joshua Gamson, as pesquisas de Steven Seidman sobre culturas sexuais ou ainda as de Avtar Brah sobre identidades étnico-raciais na Grã-Bretanha.

Caderno da Escola de Comunicação - Seus trabalhos mais recentes indicam como principal questão de pesquisa elementos relacionados à alteridade, principalmente relativas a questões de gênero e sexualidade na sociedade contemporânea, o senhor poderia explicar como os Estudos Culturais podem ser úteis para esse tipo de análise?

Richard Miskolci - Vejo os Estudos Culturais como um título guarda-chuva para uma orientação teórica herdeira do pensamento crítico marxista e que desde o final da década de 1980 se subdivide em correntes aparentadas como os Estudos Pós-Coloniais e a Teoria Queer. Estes saberes subalternos renovaram os estudos sobre desigualdades sociais ao apontarem para a centralidade de opressões raciais e de sexualidade, ou seja, formas de opressão que não eram devidamente exploradas

pelas ciências sociais canônicas e nem mesmo por certas correntes como o feminismo, no qual predominou a oposição homem-mulher até se chegar ao sistema sexo-gênero no final da década de 1970. No presente, nos Estados Unidos e na Europa, há um crescente diálogo entre os Estudos Pós-Coloniais, a Teoria Queer, os Feminismos e as ciências sociais canônicas, em particular, a Sociologia. Busco inserir as pesquisas que oriento dentro deste diálogo de forma a contribuir para o desenvolvimento de investigações que exemplifiquem como se dá a intersecção de categorias sociais como gênero, raça, sexualidade e nacionalidade. Os marcadores sociais das diferenças não operam individualmente, mas são autodeterminantes. Assim, por exemplo, compreender sociologicamente o que significa ser uma mulher negra brasileira no exterior exige atentar para a relação que se cria entre todas estas categorizações e não para o estudo de cada uma delas em particular. A construção histórica da imagem da mulher brasileira como sensual se dá na intersecção entre o imperialismo (sistema econômico-político) e os discursos científicos (como a eugenia) e artísticos (literatura naturalista) que justificam subalternizar alguém por sua origem geográfica, a qual potencializa atributos de inferiorização e até estigmatização relativos ao gênero (feminino) e à sexualidade (estereótipos sobre mulheres colonizadas como propensas à prostituição). Ainda que reflita esporadicamente sobre a sociedade contemporânea e oriente estudos sobre o

presente, priorizo investigações históricas que partem de produtos culturais como eixos de articulação de discursos para a compreensão de processos sociais amplos como a emergência do dispositivo de sexualidade no Brasil na virada do século XIX para o XX.

Cadernos da Escola de Comunicação - Quais são seus principais interesses de pesquisa social no momento? Em que eles se aproximam ou se distanciam da abordagem clássica dos estudos culturais?

Richard Miskolci - Meus estudos atuais, assim como a maioria das pesquisas sob minha orientação, se concentram em um grande projeto intitulado “Ciências, Literatura e Nação: as relações entre o darwinismo-social e a emergência do dispositivo de sexualidade no Brasil 1870-1930”. Trata-se de uma investigação sociológica e histórica que se utiliza dos Estudos Culturais contemporâneos como meio privilegiado para a análise de um processo social que marcou a formação da sociedade brasileira contemporânea, ou seja, a “sexualização da raça” e a “racialização do sexo”. Neste sentido, cada um dos projetos associados foca em um dos micro-dispositivos que formam o macro-dispositivo da sexualidade em sua especificidade brasileira. O eixo analítico são obras literárias como *O Ateneu*, *Bom-Crioulo*, *Dom Casmurro* e *Os Sertões* e o objetivo é reconstituir, por meio delas, como se deu a relação

única entre um discurso científico darwinista-social e a reorganização da sociedade brasileira dentro de uma nova ordem sexual e racial durante a Primeira República.

Caderno da Escola de Comunicação - O senhor concorda que a matriz teórica dos Estudos Culturais possa ser considerada, entre outras coisas, uma atualização da abordagem crítica do papel do sistema de comunicação de massa nas sociedades contemporâneas? Nesse caso, ela não teria como principal contribuição o seu olhar para o papel dos subgrupos culturais, rejeitando o elitismo da Escola Crítica Clássica?

Richard Miskolci - Tratam-se de duas correntes paralelas, ainda que aparentadas. A Escola Crítica se origina na Alemanha e nos Estados Unidos em um grupo de intelectuais germânicos de inspiração marxista e weberiana enquanto os Estudos Culturais originam-se entre intelectuais marxistas dissidentes no Reino Unido um pouco mais tarde. Em comum, podemos destacar o fato de serem escolas marxistas culturalizadas, mas a Teoria Crítica avançou em reflexões sociológicas mais voltadas para a compreensão da ordem política enquanto os Estudos Culturais centraram foco na renovação da crítica das desigualdades sociais a partir de diferenças como nacionalidade, raça e sexualidade. Em suma, os Estudos Culturais não são uma atualização da Teoria Crítica.

Caderno da Escola de Comunicação - Apesar de uma sensível mudança na última década, por que os pesquisadores sociais brasileiros (e latino-americanos) insistiram tanto na matriz da escola crítica clássica para a explicação dos fenômenos sociais locais quando vinculados a fenômenos de comunicação?

Richard Miskolci - Provavelmente, isto é mais um fato que se explica por uma mistura de história e organização institucional. No que toca à minha área de atuação, ou seja, as ciências sociais, o marxismo foi acolhido no continente latino-americano, o qual manteve – até recentemente – um diálogo preferencial com a academia francesa. Assim, ao se deparar com questões culturais, os cientistas sociais voltaram-se para a sua vertente culturalizada mais reconhecida na França, ou seja, a Teoria Crítica. Desconfio que a recusa francesa dos Estudos Culturais se refletiu no Brasil, o que só se modificou a partir do reconhecimento de questões sociais cujas exigências teórico-metodológicas não podiam mais ser atendidas sem um diálogo com a produção científica anglo-americana. Refiro-me, em especial, aos estudos sobre relações étnico-raciais, sexualidade e migrações. Estou certo de que a área de Comunicação se insere em processo histórico e institucional muito similar, mas pode ter especificidades que, sendo sociólogo, não tenho ferramentas nem experiência de área para reconstituir.

Caderno da Escola de Comunicação - Considerando sua experiência de pesquisas na área, o senhor diria que as pesquisas precisam superar a visão fatalista do “intelectual cooptado pelo sistema”?

Richard Miskolci - A institucionalização das ciências humanas criou este temor, mas acredito que o diálogo com os Estudos Culturais aponta para a resistência à cooptação. Quando alguém se debruça com humildade sobre os saberes subalternos se recorda daquela advertência de Michel Foucault aos intelectuais sobre o risco de aderirem ao hegemônico. Diante do pensamento crítico exemplar de figuras como Edward W. Said, Eve Kosofsky Sedgwick, Homi Bhabha ou Judith Butler, aprendemos a nos interrogar sobre a ambição de poder que a pretensão de ciência traz consigo. Nas palavras de Foucault: “As questões a colocar são: que tipo de saber vocês querem desqualificar no momento em que dizem ‘é uma ciência’? Que sujeito falante, que sujeito de experiência ou de saber vocês querem ‘menorizar’ quando dizem: ‘eu formulo este discurso, enuncio um discurso científico e sou um cientista?’ Qual vanguarda teórico-política vocês querem entronizar para separá-la de todas as numerosas, circulantes e descontínuas formas de saber?” No que toca a mim, no presente, vejo esta vanguarda naqueles entre os quais busco me inserir, os devotados a estabelecer um diálogo com os chamados “saberes subalternos”, os Estudos Pós-Coloniais e a Teoria Queer.